

ENTRE POLÊMICAS E RADICALISMOS: A ESQUECIDA POSSIBILIDADE DE FILOSOFAR

Hermeliza M. Postali

Pós-Graduação em Filosofia – PUCAMP

O questionamento sobre a existência ou não de uma autêntica filosofia latino-americana é muito polêmico, e para situarmos-nos dentro do assunto temos que partir de certos pontos referenciais.

Tomando-se como premissa a afirmativa de Marías:

“Um americano tem que percorrer um longo caminho para chegar até a filosofia, quer dizer, a necessidade irredutível da filosofia; a seguir tem que empreender um segundo trajeto rumo à sua perspectiva pessoal e insubstituível”¹. Compreendemos que encerra dois enfoques fundamentais: num primeiro momento, quando afirma que “um americano tem que percorrer um longo caminho para chegar até a filosofia, quer dizer a necessidade irredutível da filosofia”, concebe a filosofia como campo do saber dentro uma dimensão de universalidade, a qual implica numa amadurecida reflexão sobre a problemática da existência humana.

A partir desta conceituação compreendemos a filosofia, como um conjunto de concepções teóricas sobre o homem e seu papel no universo, como uma atitude reflexiva crítica que possibilita a elaboração de tais concepções.² A filosofia torna-se assim uma ampla e profunda visão do homem.

Considerando-se a segunda parte de sua afirmativa a seguir tem que empreender um trajeto rumo a sua perspectiva pessoal e insubstituível, compreende-se a necessidade e a tarefa do sul-americano em busca de sua realidade concreta.

Interpreta-se essa tarefa como sendo um processo de disputar e amadurecer, equacionar e solucionar problemas.

Em Marías, o conceito de filosofia é apresentado sob dois aspectos distintos que tendem a complementar-se e fundir-se, para dar uma visão de transcendência e de reflexão sobre o homem sul-americano.

A premissa de Marías engloba toda uma antropologia do homem sul-americano, desde o seu estado de absoluta primitividade e a influência dos colonizadores, até a atual possibilidade de empreender uma busca de autonomia.

Considerando-se o sul-americano em seu estágio de primitivismo, quando permanece num estado de contato total com a natureza, e, analisado esse estágio, segundo os partidários de uma filosofia abstrata, era total a impossibilidade do sul-americano fazer filosofia. Configurava-se como um ser em bruto. Devido a esta caracterização era "arreligioso e ametafísicoporexcelência"³

Este estado de imersão em que se encontrava na natureza, não lhe permitia distanciar-se e objetivar a realidade. Sua possibilidade de filosofar era nula.

Se "a visão filosófica se distingue de uma visão de mundo, porque não é ingênua e espontânea"⁴, e, segundo Elian Campos Barrantes "procura ser racional, autofundada e inclusive sistemática"⁵, o homem sul-americano primitivo ainda não filosofava.

"O filosofar é, portanto, a expressão de um ato concreto, resultante de uma atitude cognoscitiva específica"⁶.

Quando o sul-americano sofreu as influências e imposições do conquistador, continuou igualmente calado. Permaneceu imenso num mundo que já não era só natureza. Iniciou-se num processo de adesão aos valores e filosofia do conquistador. Saiu do mutismo para introjetar o colonialismo. Distanciou-se progressivamente de filosofar.

Se num estado de primitividade absoluta não se pode falar em produção filosófica universal, num estado de adesão ao conquistador torna-se impossível falar em filosofia.

Portanto, tornava-se irrelevante falar em filosofia latino-americana, como contribuidora para uma filosofia universal.

A América Latina permaneceu como entidade emudecida, incapaz de autogovernar-se por manter-se pessoal, influenciada e dominada.

O latino-americano colonial tornou-se "apolítico, alheio e desinteressado às questões do Estado e às questões sociais numa clara demonstração de imaturidade cultural"⁷. Seu individualismo tornou-o indiferente aos valores coletivos. Seu caráter individual e essencialmente colonial, tornou-o inapto e incapaz para a construção de um Estado.

E Gilberto de Mello Kujawski categorizou o sul-americano através de seus traços essenciais "o individualismo passivo, o provincianismo, o anacronismo e o mimetismo"⁸.

Considerando-se, porém, a filosofia como uma possibilidade de desvelamento da realidade, vemos que, na busca de sua identidade própria, de sua essência, a filosofia latino-americana demonstra ser promissora.

Segundo Meiró Quesada "uma das conseqüências mais importantes da filosofia do latino-americano é sua contribuição para uma cons-

ciência de identidade própria do americano separando-o de seus colonizadores”⁹.

Para Augustin Basane Fernandez del Valle “a temática da filosofia latino-americana deve centrar-se no homem, na vida, na terra, na liberdade, na história e na cultura”¹⁰.

Compreende-se portanto, que a filosofia latino-americana quando considerada a partir da reflexão sobre sua própria realidade, mostra-se numa perspectiva promissora porque, distanciando-se da condição de filosofia reflexa em direção a uma filosofia que gradualmente vai assumindo a sua identidade, poderá no futuro, apresentar-se como filosofia universal, em termos de uma aprofundada reflexão que possa oferecer.

Para que possa chegar a atingir essa maturidade reflexiva ela terá que debruçar-se sobre si mesma, apreender sua essência, conviver com seus problemas concretos, equacionando-os.

Isto é reconhecido por Leopoldo Zéa que afirma: “o estudo das idéias na América é uma tarefa especial, necessária e urgente, e o é para determinado fim: o nosso auto-conhecimento”¹¹.

Conclui-se que a filosofia latino-americana, apesar de toda polêmica quanto à sua existência ou não, é uma filosofia que deverá sofrer um contínuo processo evolutivo.

Se num primeiro momento ela pareceu inexistir, e, em etapas posteriores foi sendo influenciada pela cultura européia, terá agora como meta precípua a busca de sua autonomia, a partir de uma rigorosa reflexão sobre si mesma.

Acredita-se na possibilidade de uma filosofia latino-americana que poderá universalizar-se quando, fazendo-se filosofia americana, trará sua contribuição à filosofia universal.

Não será um procedimento de imitação, mas de autenticidade, pois “a potenciação da filosofia assim como a do homem sul-americano encontra-se na objetividade que é capaz de alcançar”¹².

A filosofia sul-americana não necessita ser encerrada em si mesma, nem imitar nenhuma outra. “Sua peculiaridade, o modo concreto de sua gênese, determinada pelo tipo especial de homem que a faz, dar-lhe-á aquilo sem a qual nenhuma filosofia pode existir: vitalidade”¹³.

NOTAS

(1) Marías, in Constança Marcondes Cesar. Vicente Ferreira da Silva: Trajetória Intelectual e Contribuição Filosófica; Campinas, PUCC, 1981, p. 85.

(2) Delta Larousse Grande Enciclopédia; Ed. Delta; RJ, vol. 6, p. 2761.

(3) Caturelli, Alberto. América Bifronte, Biblioteca de Filosofia Troquel. p. 40

(4) Barrantes, Elian Campos. Possibilidades e limites de uma Filosofia Latino-Americana. Acta IX Congresso de Filosofia. Caracas. p. 173.

- (5) *Ibidem*, p. 173.
- (6) Aguirre, Max. Problemas inerentes a Contribuição de uma filosofia americana. *Revista Brasileira de Filosofia*, 1960, p. 207.
- (7) Kujawski, Gilberto de Mello. *Meditações sobre o homem colonial*. Acta IX Congresso de Filosofia. Caracas, p. 139.
- (8) *ibidem*, p. 140.
- (9) Quesada, Francisco Miró. Possibilidades e limites de uma filosofia latino-americana. Acta IX Congresso de Filosofia, Caracas, p. 167.
- (10) Fernandez del Valle, Augustin Basane. Possibilidades e limites de uma filosofia latino-americana. Acta IX Congresso de Filosofia, Caracas, p. 193.
- (11) Zéa, Leopoldo. A história das idéias na América Hispânica. *Revista Brasileira de Filosofia*. 1960. p. 514.
- (12) Mora, José Fenater. O problema da Filosofia Americana. *Revista Brasileira de Filosofia*, 1960. p. 498.
- (13) *Ibidem*, p. 498.